



## ENTREVISTA

BASTONÁRIO APONTA  
“NOVOS” CAMINHOS

# “A emigração não é uma fatalidade”

Texto: Luís Henriques Antunes com Filipe Gil Fotos: ph foto

O bastonário da Ordem dos Médicos Dentistas (OMD) está numa altura crucial da sua carreira. A meio do quarto mandato como líder da OMD e prestes a assumir as rédeas da FDI, Orlando Monteiro da Silva mostra-se um homem calmo e com a sensação de dever cumprido. É com este médico nortenho, mas cidadão do mundo, que o novo ministro da Saúde, Paulo Macedo, vai ter que “negociar” novos planos e pôr a saúde oral no lugar de destaque que merece. Tranquilo, o bastonário explica que, apesar da austeridade exigida pela ‘troika’, está confiante num bom entendimento com a tutela. Até porque há mais coisas a unir ambas as partes do que a provocar uma indesejada rutura.





## ENTREVISTA

**SAÚDE ORAL: Está à frente da Ordem há vários anos. Qual o balanço desta liderança?**

**Orlando Monteiro da Silva:** Em primeiro lugar aproveito para cumprimentar os leitores da SAÚDE ORAL e a própria revista porque tem sabido projetar-se além da medicina dentária, tem marcado a agenda na saúde de uma forma geral. A SO tem sido um parceiro mediático de eleição, de grande credibilidade, é com gosto que nos associamos a esta revista porque tem sabido ser pluralista e de grande rigor – era já a altura de prestar a minha homenagem à SO. Relativamente ao balanço da minha ação penso que tem vindo a ser feito pelos médicos dentistas ao longo destes mandatos, ou seja, de três em três anos, têm sido chamados a validar a nossa ação e os resultados são aquilo que são. Não queria especular, mas acho que o balanço tem sido positivo porque as nossas propostas têm merecido o acordo dos médicos dentistas. Numa nota pessoal mais estratégica julgo que temos vindo a construir paulatinamente uma estratégia sustentada de criação de um edifício de regulação na área da Saúde em Portugal, concretamente na área da saúde afeta à medicina dentária. De qualquer forma, o referido edifício ainda não está concluído – e podia referir que continua por fazer a regulação da própria Ordem (dos profissionais). Nomeadamente na implementação das especialidades, num conjunto de serviços que são prestados aos médicos dentistas, a parte ética e deontológica, etc. Essa parte da regulação dos médicos dentistas, que depende exclusivamente da OMD, talvez seja aquela que está num plano mais avançado, mas há outro tipo de regulação que não depende exclusivamente da OMD e onde me parece que se tem dado um excelente contributo também.

**Em que aspeto?**

Por exemplo nos licenciamentos, que tanta polémica geraram, porque se pensava que o licenciamento era contra os médicos dentistas, quando, na minha opinião, é um desígnio estratégico porque já se conseguiram licenciar cerca de dois mil consultórios e clínicas, mas há ainda um número muito grande que está em processo de licenciamento. Neste aspeto somos a área da Saúde que tem os seus processos mais adiantados. No fundo, este licenciamento vem promover uma perspetiva leal da concorrência, vem distinguir aqueles que têm condições para

estar na área da medicina dentária, daqueles que não têm as condições mínimas para exercer, fazendo concorrência desleal. Este desígnio estratégico vai trazer benefícios notáveis fundamentalmente para a população. No entanto este licenciamento precisa de ser consolidado e interiorizado pela população.

**Essa medida tem vindo a afastar os chamados “tira-dentes” que estão em grande número a exercer a profissão, quando não terão qualquer qualificação para tal?**

Temos consciência que há ainda muito fenómeno desse género. A estratégia passa pela criação de parcerias entre as diferentes entidades reguladoras que operam na Saúde com vista a implementar o processo e motivar as pessoas para a participação ativa em tudo o que diga respeito a este projeto. Sentimos que o processo comporta algumas imperfeições, mas temos vindo a trabalhar para que seja simplificado. Contudo temos de nos socorrer de parcerias de outras entidades, nomeadamente a ERS, que demonstrou para que servia. Por exemplo, no combate ao exercício ilegal da profissão e à má prática, que tem vindo a público em vários locais. Com esta parceria têm sido revelados vários casos de protésicos que estão a exercer de porta aberta ilegalmente. Este grupo profissional, que tem grande contacto com os médicos dentistas e que respeitamos imenso, não pode fazer o trabalho do médico dentista, como acontece nos meios mais tradicionais.

**Para si qual foi a maior vitória como bastonário, o cheque-dentista?**

Creio que o referido edifício regulador merece destaque. Por outro lado, a questão da promoção da medicina dentária no Serviço Nacional de Saúde (SNS) é crucial para todos. O Programa Nacional de Saúde Oral (PNSO), com a vertente do cheque-dentista, teve grande impacto na profissão e foi uma grande vitória destes últimos mandatos. Esperemos que o PNSO não venha a ser posto em causa, até porque este vai ao encontro a uma visão muito moderna da prestação e cuidados de saúde, no âmbito do SNS.

**Mas devia ir muito mais longe?**

Sim, devia efetivamente ir muito mais longe, designadamente na sua abrangência. Contudo,

os seus princípios básicos são bastante completos: escolha da clínica, o facto de ser o profissional individualmente que está envolvido e não redes de clínicas, programa com custos balizados, atinge uma população bastante alargada (esperamos que o seja ainda mais), etc. No fundo, o PNSO não implica esforços porque parte de uma capacidade instalada no setor privado. Quanto a mim, este programa devia ser alargado e seguido por outros setores do SNB, pois deixa para o Estado as competências nobres, que são a regulação e financiamento, e delega nos privados um conjunto de serviços contratados que os médicos dentistas prestam à população. Esta lógica é inquestionável, pois o programa é moderno e de sucesso.

**Quando se ficará a conhecer os resultados da avaliação em curso do PNSO?**

Para breve. Estamos na fase final da sua avaliação e por volta do final do ano iremos conhecer estes resultados. Tenho conhecimento e acredito de que a avaliação irá apresentar resultados muito positivos.

**Se assim for, acha que estes resultados positivos poderão levar a que a nova equipa ministerial aprofunde este programa?**

Não sei será aprofundado, mas acho que a filosofia do PNSO encaixa na perfeição naquilo que é programa do novo Governo e na forma de estar e de pensar deste ministro da Saúde. Aliás, os objetivos do PNSO encaixam no próprio documento da “troika”, nomeadamente na gestão, no *outsourcing*, etc. Filosoficamente não vejo motivo para se colocar o PNSO em causa, na gaveta.

**Nesta área, na prestação de serviços médicos privados ao Estado, os médicos dentistas estão mais avançados do que a maioria das outras especialidades, porque já fazem isso há algum tempo. Acha que este fator pode representar uma vantagem para a classe, face às necessidades de poupança?**

Penso que sim. Já altura do Prof. Correia de Campos, que era visionário em muitas matérias, se falava nisso. Por essa época, este ex-governante e a OMD resolveram estreitar colaboração e levámos a cabo um projeto de grande monta. O Prof. Correia de Campos teve uma visão ousada, mas que está à vista de todos. É uma



## ENTREVISTA



visão atual e que reflete as necessidades do momento atual. Tenho defendido insistentemente que o Estado não tem que prestar diretamente serviços à população. A população pretende receber cuidados de saúde de qualidade, agora a forma como estes são prestados não são relevantes. Não vejo a população preocupada com isso, vejo sim muitos ideólogos e teóricos da área da Saúde preocupados com filosofias e teorias, mas que não estão centradas no doente. O doente não quer saber se os cuidados são prestados no setor social, no público ou no privado. O paciente quer é ser tratado com qualidade e ter uma boa resposta da parte do sistema de saúde. É uma coisa tão óbvia e clara que ninguém entende como ainda pode haver dúvidas. As organizações têm de estar ao serviço da pessoa e não o contrário.

**Está no seu quarto mandato, vai haver um quinto?**

(risos) Nesta altura não estava à espera dessa pergunta... Estamos a meio de um mandato, estou com a minha equipa na Ordem absolutamente focada em aspectos fulcrais para a profissão, no referido edifício de regulação em Portugal, estamos focados na implementação de uma parceria estratégica com este Governo (ou qualquer outro) no sentido de contribuir para que haja prestação da medicina dentária com mais qualidade, para que a nossa ação abranja cada vez mais um maior leque de população e que sirva para potenciar a capacidade instalada existente no país. É muito cedo para responder a uma questão dessas. É um assunto que francamente não me preocupa.

**O novo ministro da Saúde, Paulo Macedo, ficou conhecido por "cortar a ceto" nas gorduras das empresas e instituições por onde passou. Teme que esta fama se concretize nas políticas que digam respeito à Saúde Oral?**

É difícil estar a cortar numa coisa está tão magrinha... A Medicina Dentária está perfeitamente ginasticada e fortalecida. Temos uma prática privada extremamente competitiva neste momento em Portugal e será muito difícil aos outros setores serem tão competitivos como a nossa área. Temos vários tipos de organização da prática privada desta profissão, nenhum deles dominante em relação aos outros, temos grandes consultórios, temos consultórios mais pequenos, há redes de marketing, etc. Apesar da competitividade reinante, a verdade é que existe espaço para todos os modelos de atuação. Ademais, creio que a realidade dos cuidados de medicina dentária está adaptada à realidade que envolve esses mesmos serviços; veja-se o caso dos Açores, etc. Penso que há uma maturação do sistema. Por outro lado, temos o PNSO e se fizermos uma avaliação global constatamos que há, por exemplo, ganhos diretos e indiretos quer para os profissionais, quer para os pacientes, pois há uma maior consciencialização acerca da necessidade de prevenir a doença e fazer visitas regulares ao médico dentista. Por tudo isto parece-me que a medicina dentária deveria ficar excluída desses cortes, que notabilizaram o Dr. Paulo Macedo nas Fianças. Os problemas na Saúde estão identificados pelo atual ministro. Há um notório problema de desperdício, há até um problema de fraude e má gestão, e creio que é por aí que o novo titular da pasta da Saúde irá fazer valer a sua enorme capacidade que lhe é reconhecida como gestor nas várias áreas e irá tornar mais eficaz o SNS.

**Sabendo-se que não há dinheiro para quase nada e que a ordem é mesmo cortar, acha que nos próximos anos vai ver concretizado o seu sonho antigo de se avançar com parcerias público-privadas entre o Estado e as clínicas privadas de medicina dentária?**

Os constrangimentos económicos estão aí e não podem ser ignorados por ninguém. Contudo, creio que a médio prazo também aí o Dr. Paulo Macedo é capaz de estar bem colocado para levar a cabo essa ideia, até porque foi ele o mentor de uma conhecida seguradora de

saúde, a Medis, que já trabalha nestes moldes. Por outro lado acredito que é possível regulamentar esta área de atividade, o que hoje não existe, e abrir portas para que todos possam ter de um seguro de saúde tipo seguro automóvel, isto é, que todos tenham acesso a pelo menos um seguro contra terceiros. Acho que a população precisa de uma cobertura base para que se reduzam um conjunto de probabilidades de patologias graves, como o cancro oral e doenças cardíacas, entre muitas outras, além das doenças associadas aos problemas com a falta de assistência médica na boca.

**Esta medida iria ajudar a combater dois problemas duma assentada: a falta de emprego entre os mais jovens e a péssima condição da boca dos portugueses. Concorda?**

Não penso que haja uma situação de desemprego entre os dentistas. O que há é uma situação de sub-emprego que nos preocupa a todos. De facto temos muitas pessoas, com formação superior e cujas famílias fizeram muito esforço para os ajudar na formação, que estão a ser forçadas a procurar a vida noutros pontos do globo, o que é um desperdício para o País, mas este tipo de situações é comum hoje em dia. Atualmente os profissionais, nomeadamente os mais jovens, sabem que uma experiência no estrangeiro pode ser muito salutar e estimulante, porque vivemos na era da globalização e a facilidade de troca de experiências é uma realidade. Na minha visão há um conjunto de regalias e de





## ENTREVISTA

saber que podem advir dessas experiências e que não podem ser desperdiçadas.

**Não vê a emigração como uma fatalidade?**

Não, de maneira nenhuma. A possibilidade de termos uma experiência diferente, em termos de experiência profissional e de interação com outras culturas, é algo que não pode ser rejeitado por ninguém. Mas os jovens médicos já veem as coisas por outro prisma, pelo do enriquecimento profissional e cultural e não do fatalismo.

**Quanto a si, quais os mercados que poderão ser mais apelativos para quem queira emigrar?**

Existem vários. Os dentistas, nas suas variadas especialidades, vão sendo cada vez mais necessários em vários países. O Reino Unido e os países nórdicos são dos mais apelativos, mas há outros países que têm um enorme potencial, como a Suíça, que apesar de não pertencer à União Europeia é como se dela fizesse parte, e que tem vindo a evoluir no sentido de receber novos profissionais e oferece um nível de vida muito bom para os médicos dentistas portugueses.

**Os dentistas devem, por exemplo, embarcar numa aventura para os PALOP, nomeadamente para Angola?**

Este país tem-se revelado um grande mercado, mas é mais complicado de exercer do que na Europa porque as condições de instalação de clínicas têm critérios menos transparentes. Mas há sempre grandes possibilidades de desenvolver esta atividade nestes países, principalmente em Angola e Moçambique, porque são grandes países com um enorme potencial e que necessitam de técnicos qualificados para os ajudar a desenvolver competências. De resto, a medicina portuguesa goza de uma grande reputação nestes países e é por aí que os médicos dentistas devem fazer valer a sua qualidade. Só estranho porque razão não há grandes investimentos feitos nesta área em Angola e Moçambique, porque a qualidade da Saúde nacional, aliada à falta de barreiras na língua, é uma mais-valia que devia estar a ser aproveitada, o que estranhamente não está a acontecer.

**O grupo Malo estará a criar uma grande clínica em Luanda.**



Já ouvi falar disso e é sinal de que essa ida para lá tem pernas para andar, porque o Paulo Malo planeia muito bem toda a estratégia de expansão antes de arriscar num determinado país. É por isso que acredito no sucesso da internalização em países como Angola. E uma experiência de emigração não tem de ser para toda a vida. Uma pessoa pode passar fora dois ou três anos e, depois, voltar ao seu país com outro arcaboço profissional.

**Aquando da sua última eleição, disse numa entrevista à SO que não é um bastonário de opereta. Quis enviar algum recado a alguém?**

Não. Pura e simplesmente referi que não estou na Ordem para estar sentado a uma secretária...

**É um operacional, um homem do terreno?**

Exatamente. Sou uma pessoa que gosta de executar, não sou um político, no sentido pejorativo do termo, gosto da proximidade com colegas, gosto de andar no terreno a ver quais as dificuldades e ansias dos meus colegas de profissão.

Recentemente, em entrevista à SO, a porta-voz do Colégio de Estomatologia da Ordem dos Médicos, Rosário Malheiro, defendeu que os médicos dentistas não são verdadeiros médicos porque não cursam medicina. Que comentários lhe merecem estas declarações?

Sinceramente não me merecem nenhum comentário em especial. O nosso canal institucional de contacto é a Ordem dos Médicos e essa intervenção não partiu de dentro da OM, mas sim de uma posição pessoal sobre o assunto. Como a OM não se identifica com essa tomada de posição, não há nada a dizer.

**O referido Colégio já reiterou a posição, afirmando que é posição oficial da mesma estrutura.**

Bom, o Colégio de Estomatologia é um órgão consultivo da OM e não é um órgão que veicule a posição oficial da OM, uma vez que apenas o conselho nacional e executivo, através do seu bastonário, pode falar em nome desta organização. Se alguém individualmente emite opinião e depois vem o conselho nacional dizer outra, então alguém deve sair de cena, se deve demitir. A nós chega-nos que o bastonário tenha dito que não se identifica com o que ali está dito. Mas não posso deixar de referir que houve muita gente que se indignou com o que foi dito.

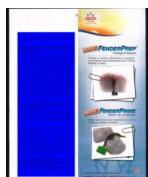
**Teve conhecimento de excessos que tenham sido cometidos por alguns médicos dentistas?**

O direito à opinião está consagrado na Constituição e obviamente que às vezes são cometidos excessos que denotam falta de ética e ignorância, não quero classificar mais estes comportamentos, mas não deixa de ser uma opinião.

**Não querendo estar a acicatar eventuais animosidades, este mal-estar fez transparecer a guerra surda que existe entre ambas as partes?**

Não queremos guerra com ninguém. Nós só compramos guerras com quem queremos. Não queremos guerra com ninguém, repito. A nossa guerra, a nossa luta é pela qualidade, pela inovação, saber que fazemos aquilo que de mais avançado se faz em termos de medicina





dentária no mundo inteiro. Os rancores do passado não levam a parte alguma, queremos é olhar para frente, que é onde está o caminho.

**Vai ser empossado como o novo presidente da FDI em setembro. Quais as expectativas em relação a este cargo e suas principais prioridades?**

A FDI é a grande organização mundial da medicina dentária. Tem como lema "conduzir o mundo para uma ótima saúde oral" e representa uma perspectiva de excelência na profissão. Quando tomar posse, que será a primeira vez que um português irá ocupar o lugar, irei aproveitar para, sempre que puder, dar mais visibilidade à medicina dentária portuguesa e promover esta perspectiva de mobilidade, dando incentivo aos médicos dentistas portugueses para trabalharem por esse mundo fora. Vou também lutar para que os meus colegas portugueses tenham ainda mais oportunidades para fazerem apresentações em congressos no estrangeiro; vou dar mais visibilidade à FDI (e consequentemente dos objetivos e problemas da profissão) nos Media. Ainda no âmbito da lusofonia, vou lutar para que realidade e os programas em curso dos países africanos, particularmente de Angola e Moçambique, tenham maior visibilidade no mundo; vou chamar a atenção do Brasil, que é um gigante, para a necessidade de um maior envolvimento nos países lusófonos citados, quer ao nível da academia, quer ao nível da indústria.

**Esta eleição fê-lo pôr-se em bicos de pé ou continua a ser o mesmo homem simples, do norte, que foi quando era "simplesmente" o bastonário da OMD?**

Aqueles que me conhecem, em Portugal e no estrangeiro, sabem que não tenho feitiço para isso. Às vezes, as dificuldades são mesmo de conciliar a vontade de estar à altura das inúmeras solicitações advindas dos cargos com as necessidades de estar junto da família e amigos. Continuarei a ser o mesmo Orlando Monteiro da Silva de sempre.

**O facto de ir ocupar tão importante cargo não roubará tempo para estar na OMD?**

Não. O presidente da FDI é um estratega que determina o rumo de uma instituição, não é um executivo, esse sim, que é uma pessoa muitíssimo qualificada, necessita de estar na sede da FDI. Portanto, o tempo que é preciso despendar para o cargo ajudar-me-á a compreender melhor aquilo que se passa em Portugal, dando-me uma capacidade acrescida para lidar com os problemas ocorridos no nosso país. De resto, a equipa executiva é muitíssimo capaz e irá levar a cabo as diretivas emanadas da direção e implementar no terreno as posições concertadas em sede própria.

**É abusivo referir que o facto de ir ocupar a liderança da FDI poderá ajudar a medicina dentária portuguesa a crescer ainda mais, resolvendo alguns dos seus problemas?**

Cada vez que ocupo um cargo em instâncias estrangeiras estou sempre a ver a melhor forma de aproveitar isso para reaproveitar



## ENTREVISTA

internamente a experiência e vice-versa, porque uma coisa potencia a outra. Deixe-me recordar que Portugal deu um salto gigantesco nos últimos anos. Mas para que isso acontecesse tivemos de pôr de lado uma posição provinciana e avançar com a mente aberta para o mundo. Penso poder vir a ajudar os meus colegas portugueses naquilo que souber e puder.

**Apesar da OMD não ser uma monarquia, acha que há atualmente alguém com perfil para o substituir no cargo?**

Não vejo isso como uma substituição. A profissão deve estar (e está) devidamente organizada para escolher os seus dirigentes. Acho que existem, a vários níveis, pessoas com capacidade para futuramente terem responsabilidades na profissão a variadíssimos níveis. Não estou minimamente preocupado com isso. Mas há uma coisa que lhe garanto: quando chegar o dia da "sucessão", ficará bem claro que não tenho nem o direito, nem a competência para designar quem quer que seja para me "suceder". Mais: acho que isso não seria correto da minha parte. Haverá alguém que tem um perfil diferente do meu e que terá capacidade para levar o cargo a bom porto, porque chegará o dia em que terei de deixar o cargo.

**Ainda lhe resta tempo para ver os seus doentes?**

Faço questão que isso aconteça, porque só assim faz sentido andar a fazer todas as coisas que faço. Cerca de 30 por cento de meu tempo é dedicado aos meus doentes, na minha clínica da zona do Porto. Sou uma pessoa completamente normal. Gosto de estar entre aqueles que gosto, faço yoga, pratico jogging diariamente. Tento estar em forma física e mentalmente para poder aguentar o embate do dia-a-dia e, também, para arranjar um escape ao stress diário.

**Portugal tem alguns dos melhores dentistas do mundo, mas ainda não conseguiu convencer o português médio de que é mais importante tratar da boca do que passear-se com uma camisa de marca. O que está a falhar?**

Esse é um processo lento, em que tem de se mudar a cultura de todo um povo, mas penso que vamos no bom caminho e já conseguimos



resultados muito benéficos para todos. Embora admita que entre os setores mais carenciados da população seja mais difícil de fazer passar a mensagem porque as pessoas estão centradas na própria sobrevivência, há forças que estão a ser mobilizadas para erradicar as doenças da saúde oral, até porque sabe-se hoje que, por exemplo, a cárie periodontal afeta mais de 90 por cento das pessoas em todo o mundo, além das patologias orais estarem por detrás de algumas das doenças mais perigosas (câncer, doença coronária crónica, diabetes, etc.), que matam milhões em todo o mundo. Serve isto para explicar que a saúde oral, que é já a quinta doença não comunicável, deve ser encarada como uma prioridade a nível mundial e não um bem acessório, apenas para quem pode suportar as despesas no privado. O facto de a saúde oral ser a quinta doença não comunicável pode mudar a forma como se encara o nosso setor no mundo, nomeadamente entre os players da saúde, como a indústria. De resto, a FDI está já a ultimar um documento que irá ser distribuído pelas principais instâncias de saúde no mundo, onde se alerta para esta séria problemática de Saúde Pública, e se prova que a saúde oral está intimamente relacionada com outras especialidades médicas nos seus mais variados aspectos. No fundo, é também objetivo mobilizar os médicos dentistas como

verdadeiros agentes de saúde para o encaminhamento dos doentes com cancro oral para o tratamento.

**Esta mensagem também será passada ao Governo português?**

Estamos já a trabalhar a todos os níveis para que a tutela receba e perceba esta informação, porque este projeto é central para os sistemas de saúde de todo o mundo, pois pode evitar males maiores e despesas avultadíssimas com tratamentos, quando se podia evitar gastar centenas de milhões com prevenção e tratamentos menos complexos.

**Quais são as outras prioridades da FDI?**

A questão da amálgama dentária é importante porque está em causa a possibilidade de se banir a utilização de mercúrio no mundo inteiro. A FDI está já a negociar com as entidades competentes da área ambiental, nomeadamente da ONU, para encontrar a fórmula certa e desejada para reduzir o mercúrio. Mas, para que haja uma efetiva redução, é necessário encontrar um material que seja uma real alternativa à amálgama dentária, que ainda não existe, e que seja substancialmente mais barato do que as alternativas atuais. A FDI está, assim, a tentar reduzir a prevalência de cárie no mundo, no estímulo ao aparecimento de materiais alternativos para, de forma faseada, reduzir a utilização da amálgama dentária, entre muitos outros de cariz social.

**A colossal China acordou e teima em não abandonar os níveis de crescimento a dois algarismos registado há vários anos. Qual a importância deste fator para a profissão?**

Ainda bem falou disso, porque é de facto notável a forma como a China se impôs ao resto do mundo. A China tem hoje mais de 400 mil dentistas, está a investir de forma avassaladora em todos os domínios da indústria, ciência e ensino. Os médicos dentistas chineses, que provêm de um regime onde não havia lugar para o setor privado, estão ávidos de aprender com quem faz bem. Creio que, num futuro próximo, importaria estabelecer rapidamente parcerias entre instituições e profissionais portugueses e chineses, porque eles querem aprender, mas só com os melhores, como é o caso dos portugueses. ■



12

## 12 ENTREVISTA:

Bastonário aponta “novos” caminhos

## “A emigração não é uma fatalidade”

O bastonário da Ordem dos Médicos Dentistas (OMD) está numa altura crucial da sua carreira. A meio do quarto mandato como líder da OMD e prestes a assumir as rédeas da FDI, Orlando Monteiro da Silva mostra-se um homem calmo e com a sensação de dever cumprido. É com este médico norte-nho, mas cidadão do mundo, que o novo ministro da Saúde, Paulo Macedo, vai ter que “negociar” novos planos e pôr a saúde oral no lugar de destaque que merece. Tranquilo, o bastonário explica que, apesar da austeridade exigida pela “troika”, está confiante num bom entendimento com a tutela. Até porque há mais coisas a unir ambas as partes do que a provocar uma indesejada rutura.



ID: 37647799

01-09-2011

**Entrevista com Orlando Monteiro da Silva****O balanço de quatro anos à frente da OMD****O que vai mudar com a entrada na FDI****As negociações com o novo ministro da Saúde**